



Tradição e modernidade

Por César Obeid

O mês de agosto é famoso pelas suas coloridas festas folclóricas e pelas antigas canções que todos nós conhecemos e sentimos muita alegria ao lembrá-las. Também é o período em que as crianças ouvem e contam lendas, mitos e fábulas do imaginário brasileiro. Os professores viram especialistas em cultura do povo e trabalham desde as manifestações mais conhecidas até as menos difundidas de norte a sul do país. Todos reconhecem que, em uma sociedade tão "conectada", é muito importante para os estudantes vivenciarem um pouco mais sobre as nossas origens e o nosso passado.

Cultura popular, culturas populares, tradições ou folclore são os nomes dados para as manifestações feitas espontaneamente pelo povo. Todos nós estamos, direta ou indiretamente, ligados a elas. Quem de nós nunca participou de uma congada, de uma folia ou de uma roda de samba tradicional somente pelo envolvimento familiar e comunitário? Vale lembrar que as manifestações tradicionais são consumidas no regional. Em cada canto do país, os modos de fazer, os costumes e o linguajar são diferentes. E no nosso querido Brasil nós temos essa riqueza visível aos quatro cantos. Mas, tendo em vista que essas tradições estão muito presentes em diversas comunidades das grandes capitais e do interior e ainda reúnem muitas pessoas para as suas celebrações, por que será que, mesmo assim, algumas pessoas insistem em dizer que essa cultura é "do tempo dos nossos avós"? Será que assumimos que fomos totalmente engolidos pela cultura massificada? Será que perdemos o pião para o videogame? Será que a roda de histórias deu lugar à televisão?

Nas culturas tradicionais, diferente da cultura massificada, o que vale é a valorização da diversidade! E não é uma maravilha sermos diferentes? Mas em épocas onde falamos tanto em igualdade, parece que falar de diferenças soa subversivo. Então eu uso a conhecida frase: "Nós somos diferentes, mas não somos desiguais".

Olhem na natureza, quantos tipos ou cores de borboletas existem? Dezenas, centenas, milhares? Quem é capaz de dizer qual a mais bonita?

Acredito que o trabalho com as culturas populares nas escolas pode seguir por esse caminho. Os professores devem apresentar e valorizar a diversidade das regiões, sem julgamento. Assim, cada estudante irá perceber, reconhecer e aceitar as belezas das diferenças.

Mas as culturas tradicionais também estão mudando. Claro que essas suaves alterações nem de longe se comparam às bruscas mudanças da cultura massificada que se adapta de acordo com as regras mercadológicas e de marketing das grandes companhias. As mudanças das culturas tradicionais são suaves como o correr de um rio, não demonstram qualquer traço de agressividade. Por exemplo, há 50 anos poucos cordelistas tinham possibilidade de frequentar uma escola formal, tendo em vista que a literatura de cordel foi desenvolvida no interior de alguns estados nordestinos, e lá, naquele tempo, o acesso ao estudo formal, para a maior parte das pessoas das comunidades rurais, não era tão fácil. Hoje em dia, percebemos uma grande preocupação por parte dos jovens poetas em não passar os apuros que as gerações anteriores passaram.



Observamos que eles estão estudando, para terem condições de defender mais a "própria cultura".

Mas, ao mesmo tempo, percebemos também que muitas das nossas antigas tradições estão mudando bruscamente, não por aceitação espontânea coletiva, mas sim por algum tipo de imposição. Por exemplo, muitas escolas não cantam mais "Atirei o pau no gato" ou não permitem que o cravo brigue com a rosa na cantiga popular. Assim, retirando as demonstrações de violência e agressividade das histórias e canções, a escola formaria jovens mais pacíficos. Será que isso realmente acontece?

A própria definição de cultura de paz, de acordo com os especialistas no tema, não é a ausência da guerra. Em verdade, a paz é a resolução pacífica do conflito e não a sua omissão.

Se tentarmos minimizar a nossa violência interna, já será um grande passo conquistado. Esse é o verdadeiro ponto.

Como um pai pode falar que quer que o filho não seja violento se ele não olha nos seus olhos e só grita com a criança? Esse pai pode ler qualquer história "politicamente correta", fazer qualquer lobo mau parecer um anjinho, que ele não transmitirá qualquer valor de paz ao seu filho.

E também existem muitas outras formas de violência explícita nas tradições, como a farra do boi, uma festa de rodeio ou um circo que exhibe animais para entretenimento humano. São somente três exemplos de maus tratos aos bichos que lamentavelmente recebem o carimbo de folclore. Vamos continuar aplaudindo esse tipo de agressão em nome da tradição?

E não realizar a coleta seletiva dentro do espaço escolar também não seria uma forma de violência ao ambiente, à comunidade e às futuras gerações? Cansei de visitar escolas que exibem nos muros cartazes de reciclagem, mas que ainda não aderiram às canecas na sala dos professores ou insistem em fazer trabalhos com isopor nas aulas de artes... Cadê a cultura de paz? Está somente nos livros escolares?

Mas mudar os velhos hábitos dá trabalho demais... Não é mais fácil mudar as canções tradicionais?

Para finalizar, utilizo as décimas de encerramento do meu livro *Aquecimento global não dá rima com legal* (Editora Moderna). Mando um abraço cheio de tradição, mudança verdadeira, respeito e harmonia. Mas mudamos no passado. ■



Xilogravuras de Ernesto Bonato, do livro *Mitos Brasileiros em Cordel*, de César Obeid (Editora Salesiana).

Por exemplo, a escravidão	Pois é muita antipatia
Onde o negro era então	Fumar em lugar fechado
Amplamente humilhado	Mais um passo conquistado
Com chicote, torturado	Adeus, até outro dia.
Entre dores e agonia	
Porém essa covardia	Vamos juntos nessa estrada
Contra o negro terminou	Sempre em busca da verdade
Pois o mundo já mudou	Para a própria humanidade
Adeus, até outro dia.	Não ser mais ameaçada
	E a mãe-Terra encantada
E o cigarro antigamente	Respirar em sintonia
Era um símbolo de status	Com o homem que anuncia
Só fumavam os "sensatos"	"Somos todos natureza
De um modo livremente	E unidos com certeza"
Hoje é muito diferente	Adeus, até outro dia!
O respeito é a garantia	



Foto: Renata Perez

César Obeid é escritor, educador e pesquisador. É autor dos livros: *Minhas rimas de Cordel*, *O Cachorro do Menino* e *Aquecimento global não dá rima com legal* (todos pela Editora Moderna), *Vida rima com Cordel* e *Mitos Brasileiros em Cordel* (ambos pela Editora Salesiana) e *O Valente domador* (Scipione).

Site do autor: www.teatrodecordel.com.br